



# Avante!

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## O 1.º de MAIO está à porta!

O 1.º de Maio deste ano vai ter lugar num momento, em que as nuvens mensageiras da guerra se alevantam no horizonte, em que a crise geral capitalista toca as raízes do incógnito, em que a exploração capitalista e a agitação e o desemprego e a fome deslancham pesadamente sobre as massas laboriosas e em que a opressão fascista e a ruína e a degradação das classes médias tomam proporções horripilantes.

O terror fascista e a repressão policial, que não são senão a prova mais evidente da própria fraqueza, que abala e derrói os fundamentos do poder do capitalismo, não resistem à arma da unidade de acção e à decisão de combater das massas. As lutas e os movimentos de massas já deixaram de circunscrever-se a uma só direcção, a uma só potência, a uma só causa, o campo proletário exclusivamente.

Para continuar a repressão em escala de massas, é preciso dispor de massas muito mais numerosas que apliquem essa repressão ou que pelo menos observem em relação a ela uma neutralidade acanhada.

Desta base já o «Estado Novo» não dispõe.

Aceleremos a formação de comités da luta pró 1.º de Maio, lutemos sob o signo duma larga paralização do trabalho, de protesto contra a crise, contra a guerra, pela amnistia, pela elevação de nível de vida das massas trabalhadoras e pela frente única do movimento proletário. Preparemos bons comícios relâmpagos e muitas pequenas manifestações de rua. Por uma larga jornada de agitação antifascista. Nos próprios locais onde a paralização for impossível, promovemos, em plena hora de laboração, uma agitação intensa, pequenas reuniões rápidas, etc., contra a ofensiva do capital, contra o fascismo e contra a guerra. Levai os operários a envolverem sob este lema, milhares de reclamações e de protestos ao patronato e ao governo. Sustentai nesse dia as vossas reivindicações operárias.

Jovens trabalhadores e estudantes associativos ao movimento!

Pólicia de Segurança Pública e soldados da G.N.R.! O 1.º de Maio é um dia de luta contra a guerra que ameaça, e pelo pão e pelo trabalho para as massas laboriosas. Recusai-vos a obedecer à ordem salazarista de espingardamento e de acatamento do proletariado.

Trabalhadores anarquistas, anarcosindicalistas, republicanos e sem partido! Cerrai as vossas mãos e marchai à luta pela unidade do movimento proletário e por uma reconstrução geral dos sindicatos independentes da classe operária!

## Frente única de luta!

A Internacional Comunista e a I.S.U. na luta pela unidade de acção da classe operária

A Internacional Comunista dirigiu, em 11 de Outubro p.p., uma proposta ao Comité Executivo da II Internacional, a respeito da realização — de acções comuns imediatas, tanto para ajudar o proletariado espanhol em luta, como para criar uma oposição ao sustento do Governo Lleroux pelos Governos dos outros países capitalistas —

Os camaradas Caehin e Thorez, representando a I.C., tive em, 11 dias após, uma entrevista com os delegados da Internacional Socialista, Vandervelde e Fr. Adler, aos quais propuseram a seguinte plataforma:

1.ª Manifestações e comícios comuns, sob a palavra de ordem: Abaixo o Governo Lleroux! Tudo pela defesa dos operários e camponeses espanhóis em luta contra a reacção! 2.ª Plano comum das organizações sindicais, de maneira a não permitir o transporte de tropas em grandes quantidades para o Governo Lleroux. 3.ª Intervenção comum das duas fracções parlamentares Socialista e Comunista, em cada país, reclamando a convocação do Parlamento, para protestar contra as execuções bárbaras de que é vítima agora o povo espanhol. Intervenção, também, das municipalidades socialistas e comunistas, ao mesmo respeito. 4.ª Ajuda material imediata, enviada em comum, aos proletários espanhóis em luta e às vítimas da repressão.

Esta proposta foi inteiramente adoptada pelo Comité Executivo da Internacional Socialista. Porém ela ficou como um dos mais importantes passos da I.C. na luta pela frente única de acção da classe operária. Ela acelerou a corrente de frente única que vem formando-se nos quadros de alguns países (França, etc.), corrente que os chefes da II Internacional já não podem entravar.

A 7 de Março p.p., a Internacional Sindical Vermelha dirigiu à Federação Sindical Internacional, chamada de Amsterdam, uma proposta de:

1.ª Acção comum dos sindicatos filiados na Internacional Sindical Vermelha e na Federação Sindical Internacional, no 1.º de Maio, contra o fascismo, contra a ofensiva capitalista e contra a guerra; 2.ª Contribuir para a unificação dos sindicatos da França e da Espanha; 3.ª Contribuir para a reconstituição dos sindicatos livres na Alemanha. Discuti, finalmente, as formas, os métodos e as condições do movimento sindical na escala internacional.

Esta proposta da I.S.V. assinala que:

«A classe operária dispõe de forças suficientes para repeler o ataque, para defender os seus interesses e para impedir uma nova carnificina internacional. Para isso, é necessário unificar os esforços na luta contra o inimigo comum. É necessário que todas as organizações sindicais se levantem em frente única, e contra a burguesia e pela realização dos objectivos imediatos e gerais do movimento operário. É necessário restabelecer a unidade do movimento sindical».

Esta proposta acaba por declarar: nós estamos prontos a discutir todas as vossas propostas respeitantes à ordem do dia desta conferência.

Este caminho traçado pela I.C. e pela I.S.V., à luz dos factos, demonstra, com um brilho inextinguível, a enorme dedicação que nós, comunistas, prestamos à questão da frente única de luta e à unidade de acção da classe operária — únicos meios de empregar a luta vitoriosa pelo derrubamento do fascismo.

As elucubrações, da doutrina das propostas atrás referidas, assinalam, sem possíveis confusões, o que pode e deve entender-se por frente única. Nós chamamos frente única, ao empunhamento duma acção concreta imediata, duma acção que se dá em função da quantidade de forças que podem realizar imediatamente as organizações em presença, ante o estabelecimento do seu acordo, e as missões que nós chamamos a frente única.

Quando nós atacamos os chefes reviraltistas e anarco-sindicalistas, há muito tempo pense que nós formulamos esses ataques, por uma questão de «capricho meramente desportivo». E esta opinião é errônea.

Outros pensam (trotskistas da «Luta de Classes» e do grupo de Torres Vedras, e numa certa medida, parte dos dirigentes da «Liga Antifascista») que, para falar-se de frente única, bastaria seguir o exemplo francês. O nosso Partido entende que é preciso darmos-nos conta das seguintes particularidades:

1.ª Os métodos do «silêncio» e da «surpresa» (a gente combina uma frente única entre os chefes, mas não diz nada sobre os objectivos da acção

(Continua na 6.ª página)

## Contra a guerra!

O perigo de guerra imperiabiliza cresceu enormemente. A Alemanha capitalista, rearmada. O Japão anexa sucessivamente: as províncias chinesas, provoca a URSS, e a Itália a guerra, a Abissínia. A corrida aos armamentos recebeu um novo acento e altera-se com uma corrida a mobilizações militares. O Estado capitalista português, mobiliza o país completamente para a guerra e luta despedaçadamente por fazer da questão da saída, a que ra um assunto privado do Ministério, dos altos comandos e dos grandes capitalistas.

As forças e as condições militam em favor do impedito da guerra imperialista. A URSS, luta implacavelmente pela manutenção da paz e a URSS é simultaneamente a frente armada do proletariado internacional que combate a guerra imperialista. A China Soviética, é o centro de arrasto dos povos coloniais e semi-coloniais à luta contra o poder militar do imperialismo.

É preciso correr à formação, em todo o país, duma completa rede de comités de luta contra a guerra. É preciso também ganhar a luta contra a guerra os elementos mais activos e as massas que abominam a guerra, seja qual for a sua tendência política ou credo religioso. É preciso ter em conta o enorme papel das mulheres e dos jovens na próxima guerra e, portanto, arrastá-los, desde já, à organização e às formas de luta contra a guerra. Não basta, porém, organizar por organizar. É preciso organizar lutando, em vista da conquista duma organização maior, para a preparação das acções decisivas.

Por uma tempestade de protestos contra a corrida aos armamentos militares, as armamentos e a mobilização. Mantemos vigilantes, ante as provocações à URSS e protestamos contra elas. Nas fábricas, nos campos, nas escolas, etc., organizamos comícios de luta contra a guerra. Promovemos reuniões onde seja votada a vossa disposição de não servir de carne de canhão da nova guerra imperialista. Enviamos os resultados das decisões dessas reuniões à imprensa revolucionária e antifascista. O «Avante!» abre as suas páginas ao relato destes movimentos.

Abaixo a guerra imperialista!

Contra as provocações à U.R.S.S.!

Pe'a defesa da China Soviética!

Organizemo-nos a luta contra a guerra!



# Sobre a preparação do VII Congresso

## Resolução do Secretariado do P

O Secretariado do P.C.P. saudou calorosamente a decisão do Comité Executivo da I. C. respeitante à convocação do VII Congresso Mundial e a resolução do presidium do mesmo Comité Executivo, referente à abertura, no Partido, duma larga discussão, a propósito dos problemas fundamentais que vão ligar na ordem da luta do referido Congresso. O VII Congresso da I. C. será o Congresso da luta pela unidade da classe operária, contra o fascismo, contra os perigos de guerra e contra a ofensiva do Capital. Neste sentido, o VII Congresso não interessa simplesmente aos comunistas, mas sim, ao conjunto da classe operária e, particularmente, às massas, que, embora presas, durante vários anos, à social-democracia, ao anarcho-sindicalismo e ao revirralismo, rompem com os chefes dessas correntes e com os métodos de luta por eles preconizados e encaminham-se para o campo da Internacional Comunista.

Nos convidam todos os membros do Partido e todos os seus órgãos e, bem assim, todos os simpatizantes, a co-ocorrer no centro da sua actividade imediata a discussão sobre o VII Congresso, a arrastarem os próprios massas sem partido a esta discussão e conduzi-la na análise seria e profunda ao problema da luta pela consolidação orgânica da nossa influência sobre as grandes massas trabalhadoras, a procederem ao exame dos progressos que temos registado, a levantarem uma larga discussão em redor da nossa linha política e das tarefas postas ao Partido em face d'a situação económica e política nacional e a darem um largo lugar a crítica e auto-crítica das nossas fraquezas, retardos e defeitos.

### II

O ponto central das nossas discussões respeitantes ao VII Congresso deve incidir sobre o problema da luta por uma vasta e por tanto corrente de frente única. A situação, com a das forças e da ideologia que nos a aglutinam, que intervêm na luta contra a Ditadura, emprestam um cunho, d' certo modo próprio, à questão da materialização da tática de frente única. Entre nós não existe em Partido Socialista. Os Partidos liberais alteram e os métodos revirralistas não reflectem a realidade da luta social e levanta até ao fim contra o fascismo. A C.G.T. herdada e corrompida, por cada dia que passa. Estas correntes, que por um lado começam a cristalizar-se no campo de meios grupos, pretendem resistir, além disso, toda a acção contra a Ditadura a fim de favorecer a militar, empreendida de resto, a base da tática do silêncio, da «surpresa» e da «rendição à luta» a vulgarização das objectivas da revolução. Ora, a renúncia interior a toda a crítica, o silêncio e a «surpresa», a «rendição» e os objectivos de revolução é uma tática militarmente contra-revolucionária. Ela é incapaz de levar o grosso das massas ao caminho do combate contra o fascismo, perde as massas, quando os chefes revirralistas, em plena luta armada, começam a meter tróvões nas rodas da revolução e entregam as massas a qualquer grupo político aventureiro, que apenas se disse revolucionário para melhor amarrar, dentro de novas formas, os explorados à sujeição capitalista.

Por isso esta proclamação da I. C. toma um extraordinário realce.

«É claro que para nós esta palavra de ordem (a luta pelo poder dos Soviéticos) deve ser actualmente a palavra de ordem política central, mesmo aos países retardatários de baixo do ponto de vista revolucionário, porque, mesmo ali, os operários devem conhecer antecipadamente o caminho que terão de seguir» e «Da estabilização abalada, ao segundo ciclo de revoluções e de guerras.»

«Na hora presente — diz o mesmo escrito

— nenhuma revolução pode triunfar senão sob a bandeira do poder dos Soviéticos, quaisquer que sejam as palavras de ordem de baixo das quais ela seja desenhada e qualquer que seja o carácter revestido por ela: o carácter de revolução democrática ou o carácter de revolução proletária.»

Os chefes revirralistas supõem-se forjadores da realidade. E, entretanto, a realidade demonstrou-nos que os acontecimentos revolucionários tinham, por si, o seu próprio curso. O nosso papel é o de servir-nos de parceiros que tornam o parto menos doloroso.

Nós modificamos, efectivamente, a nossa tática de frente única, de harmonia com as condições novas. O fascismo, a ofensiva do capitalismo e o perigo de guerra, em paralelo com o próprio trabalho revolucionário consequente e aturado do nosso Partido, criaram esta realidade: Entre os próprios escalões dirigentes do revirralismo e do anarcho-sindicalismo operam-se grandes e profundas deslocações; os sargentos acabam de criar um «comité» para a luta pelo derrubamento da ditadura; as camadas intelectuais são sacudidas e predispoem-se para a acção; a juventude estudantil das próprias camadas médias envereda pelo terreno do anti-fascismo; o movimento camponês cresce no país; dentro das fábricas realiza-se já, parcialmente, a frente única para a luta imediata contra a ofensiva do capital e pela reorganização de movimento sindical revolucionário e os mais obscuros trabalhadores intervêm nas lutas parciais.

Por modificação da tática de frente única nos entendemos a luta pela queda do anarcho-sindicalismo, a luta pelo entendimento da abstracção prática das massas, em todos os campos onde elas despertam para a acção anti-fascista e a luta contra a tendência que considera que todos os militantes anarcho-sindicalistas, que todos os intelectuais ou mesmo elementos dos escalões médios do revirralismo são indignos da nossa abstracção.

Na medida em que grupos determinados do revirralismo substituíam o putchismo pela acção sistemática de luta contra o fascismo nós damos um lugar menor às nossas críticas e achamos mais praticável a realização da frente única sob o lema principalmente: contra a Ditadura. Porém, ainda em tal caso o preço não perder de vista o conteúdo político particular das forças em presença. Os progressos que temos alcançado são o produto duma luta séria e persistente, através da qual o Partido já mais ocultou a sua própria cara. Faltava de frente única e de pacto de luta comum em relação ao acordo momentâneo que se estabeleceu para o empreendimento duma luta concreta. Mas nas condições de insurreição armada, o Partido Comunista aparece como Partido mais revolucionário e mais vanguardista da classe avançada. Chegados ali o nosso lema e a nossa empreitada de frente única e das formas de acção e de mobilização de massas que fazem nascer imediatamente a luta de arrastamento da Ditadura, a luta pelo Governo Operário e Camponês. Só a realidade da própria luta e das nossas forças — e jamais as previsões transgênicas com os chefes, quaisquer que eles sejam — e que nos dirá se o momento amadureceu ou não, esta alternativa.

### III

O segundo ponto a discutir é o da abordagem directa da organização e do trabalho nos organismos que ligam as massas. Os ditos mordazes e as críticas à situação actual e a ditadura, tomam enormes proporções. As massas entram por toda a parte em apanes nervosos, grandemente espontâneos, que se aliam com a ditadura. Porém, o nosso retardado e anti-grande Num grande número de casos, o nosso Partido não passa dum centro de agitação e dum canal difusor de literatura. Esta realidade deve as suas origens à quantidade de ilusões revirralistas — («esperemos

que o revirralismo ha-de vir...»; «agora eles, depois nós...»; «em Portugal não se pode fazer assim que a revolução tenha adofei a nos outros países...»; «que ainda encontram guarda nas nossas fileiras. Ora, a realidade demonstra-nos que a Ditadura vai sendo metida a ridículo e que o nosso Partido se prestigia ante as massas. A tarefa que a burguesia e a acção se assumiu de fazer de Salazar um «herói nacional», falhou completamente. Daí, também, as condições actuais de fascismo retribuído, e possível a abordar directamente, as massas, a fim de arrastar-las ao Partido, aos Sindicatos Negociados, ao S.V.L., a frente anti-fascista e às acções e reuniões. O essencial é aprendermos a própria linguagem de que a massa se serve para patentear a sua indignação contra o fascismo, contra a guerra e contra a ofensiva do capital.

Os Sindicatos Nacionais e as Casas do Povo que organizam massas, podem e devem utilizar-se como meios da nossa acção. Até aqui, a nossa palavra de ordem tem consistido em levar as massas a fazerem o boicote a tais organismos. Esta palavra de ordem era e é, justa. Porém, é preciso actualizá-la e alargá-la, tendo em conta os resultados já atingidos pela reorganização do movimento sindical revolucionário e a tarefa que se nos coloca de levarmos adiante o movimento de luta da legalidade fascista e de arrastarmos os proletariado e os camponeses à conquista parcial das suas reivindicações. Estes organismos, na medida em que organizam as massas, ou que a luta e em redor delas pode reagrupar as massas e de servir-las para as acções reivindicativas, podem servir-nos de meios de legalização do próprio trabalho dos sindicatos e das organizações revolucionárias. Tudo consiste em criar as formas de penetração e de contacto, e em lutar em tais quadros, não a base duma luta meramente negativista, mas no sentido de obter um triunfo às reivindicações concretas das massas, já levando as massas a formularem, cada vez com mais persistência, as suas reivindicações nesses quadros, já lutando porque as massas, para uma melhor defesa dos seus interesses, impõem os seus próprios representantes para os lugares de direcção. As Casas do Povo, posto que não passando de organizações mutualistas de estilo fascista, na medida em que organizam massas, podem e devem prestar-se à formação duma oposição revolucionária que, lidando, em tais quadros, as massas sob a bandeira da luta pelas reivindicações e impossíveis, saiba de local essas

## Liberto Alvaro-Duque Fonseca e to

Os presos do Aljube estiveram há pouco outra vez privados de visitas e agora não podem ser visitados por algumas pessoas de família. Em Peniche, os presos morrem de fome (uma posta de bacalhau que há meses era dada a um preso, agora tem de chegar para controlar) e so do outro em oito dias eles o permitirão passear em trancas e escassas na cerca da Fortaleza.

Em Angra os presos estão condenados à morte! Uma reclamação contra o rancho insustentável, foi há meses suicidada, com um feroz espancamento dos presos e com o envio deles, cerca de duas semanas para a «Poterna»!

Depois da semana de 25/2 Fevereiro/Março, Salazar perdeu a cabeça, ordenando a P. de Informações que acabasse com a organização comunista do Burreiro, para nos levar uma brigada de esbirros. Em face, porém, da resistência e auto-protecção da organização, nada fizeram.

E, então, foram as fábricas e palácios aos engenheiros que hesitavam os operários suplicantes. Prenderam vários operários, espalharam-nos, mas não veram de pôlos na rua, pois não provava com ra eles. Os que ainda estão presos continuam sendo torturados.



## O Anarquismo ao serviço da sugeição eterna do proletariado ao capitalismo

Em Portugal, o movimento revolucionário deixou de ter, desde há vários anos, uma *palavra* que lhe dê a devida importância, ou uma *palavra* que lhe dê a devida importância. Das as forças do capitalismo lançam mão dos processos mais demagógicos e mais terroristas e correm locamente à formação dos tentáculos orgânico-corporativos e políticos, no objectivo de figurarem eternamente as massas laboriosas.

O que era escória, apesar de tantas vezes apelidado de *ideal* da *proletária* — tombou, desastrosamente, para o fundo da formilha.

A força e a influência do Partido Comunista retemperou-se e alargou-se e aprofundou-se, até a dia.

Os chefes do anarquismo dizem que o nosso crescimento é obra de uma situação, que, se Deus Nosso Senhor quiser, *se Deus Nosso Senhor quiser*, *se Deus Nosso Senhor quiser*.

Entendamos-nos por uma vez! O nosso crescimento é filho do nosso heroísmo indomável, da nossa inteira votação à causa do proletariado e, sobretudo, da *consciência* da *ideologia* que nos serve de *rumo* — o leninismo, carla de guerra triunfante e derradeira do proletariado, contra o capitalismo.

As forças mais reaccionárias e mais sangrentas do mundo velho, desabam, precisamente, no seu auge mais furibundo, por cima daquilo que leva ligado o nome de comunismo.

O Nosso crescimento não é o resultado dum *milagre* que se nos dá.

Inversamente: Debaixo da tormenta é que se põem à prova os melhores timoneiros.

Os nossos progressos fazem perceber a cabeça nos milhétes mais empedernidos do anarquismo desmoronados aos hostes. O que há de mais puro neste campo vai, dia a dia, prestando-nos justiça. A estes não perguntamos: *onde vindes*? Entendemos-lhes as mãos fraternalmente e ensinamos-lhes e não é possível ir mais longe.

No Boletim "Accão anarquista portuguesa" (22) de Janeiro deste ano somos mais uma vez, como não podia deixar de ser, minuciosos pela prova do *arbitrio*. Agora, os sacerdotes anarquistas buscam nas suas estocadas de "Breve crítica a um programa", Referem-se ao nosso programa — do *Governo Operário e Camponês*. Começam por classificar-nos de "Partido que brinca com a ingenuidade dos trabalhadores não esclarecidos e faz da revolução o veículo das suas apetites". E acabam por perguntar que o nosso Programa está cheio de embustes e de contradições.

A observação central das *saídas* refere-se ao ponto do nosso programa sobre a terra. Em primeiro lugar, afirmam que, tal qual o formulamos, é de perfeito carácter anarquista.

Uma proposta concreta: *Quem é* *lutar conosco* em *fronte única*, mas *luta prática*, *para realização* *desse ponto do nosso programa*?

Seguidamente dão-nos instruções acerca das *concepções agrárias do marxismo-leninista*. Afirmam por exemplo, que o comunismo não é *qual*, mas, sim, a distribuição da terra.

Esclareçamos o cérebro embrulhado dos anarquistas.

A concentração, sem indemnização, de todas as terras das grandes lavadeiras, da Igreja do Estado e dos municípios, com o recheio, e a sua distribuição gratuita pelos camponeses pobres, jornalistas e trabalhadores rurais — é a reivindicação fundamental do Programa do Governo Operário e Camponês e decorrente do Programa adoptado no VI Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1928.

O ponto pechillado pelos sacerdotes anarquistas, a propósito da *justiça* da terra, encontramos-lo escrito num papel, que foi apresentado pela C.G.T. ao *comité de frente única*, formado para a preparação do 18 de Janeiro, no terreno sindical.

Aí, diz-se, pelo contrário: "Socialização dos baldios, terrenos incultos e camponeses, os quais devem ser entregues aos sindicatos dos trabalhadores rurais, com as facilidades inerentes."

Desde que os chefes anarquistas e confederados passaram a entrar em compromissos mais abertos com os chefes do *revolucionário*, começaram a guiar os seus passos pelo lema: "Amor com amor se paga."

Dai, o *que é preciso* e *resolver* *problema de todos os camponeses pobres e médios e destruidores rurais*, por meio da *consciência* *pura e simples* de *toda a terra* dos grandes lavadores, do Estado, dos municípios e da Igreja, e *entregar* *a terra* *aquelas missas*, sem *divergências*, *para que a cultivem* *como entendem* — os chefes confederados e os sacerdotes anarquistas *acham* *que basta* *tratar das questões dos baldios e dos incultos, do cascalho e das charras*, *que os grandes lavadores se deixaram de cultivar*.

(Continua na 4.ª página)

## O fascismo e a "democracia" à luz do materialismo histórico

Para se poder lutar contra o fascismo é indispensável não só compreender o que ele exprime, mas ver a *luta* *em* *se* *as* *formas* *do* *liberalismo* — a chamada *democracia* *burguesa* — podem realmente, constituir-lhe uma oposição.

Que é o fascismo? O fascismo é a *luta* *na* *trilha* *da* *defeza*, pelos *medos* *terroristas* e *demagógicos*, do *capital* *concentrado* — *capital* *financieiro* e *monopolista* — no período de decomposição do regime capitalista.

A *democracia* *burguesa*, que cabe jogada num boletim de voto, com o qual pretende libertar, politicamente, o homem, mantendo-o economicamente escravizado, consagra o idealmente o princípio de liberdade, instituído e tornando-o, na prática, muito semelhante à liberdade que havia nas repúblicas gregas — a liberdade para os possuidores de escravos.

Toda a história dos últimos anos, demonstra que a *democracia* *burguesa* *resuma* *o* *fascismo* *por* *todos* *os* *lados*. O fascismo brota tão naturalmente, *como* *o* *fruto* *da* *luta* *da* *democracia* *burguesa* *já* *não* *poder* *uma* *linha* *própria* *de* *equilíbrio*, *tem* *forçosamente*, *de* *resvalar* *para* *o* *fascismo*. Prova-o o que se tem passado em França desde que na noite de 6 de Fevereiro a *democracia* *burguesa* *e* *os* *seus* *mais* *líquidos* *representantes* *capitularam* — *dir-se* *se* *que* *se* *volatilizaram* — perante a *multa* *faseita* *que*, *só* *o* *proletariado*, *guiado* *pelos* *P.C.*, *fez* *recuar*. Compreendemos *o* *que* *se* *prova* *real*. A *república* *espanhola* *que*, *apenas* *sai* *duma* *dilatoria* *militar*, *se* *pô* *heroica* *e* *gloriosa* *esforço* *do* *proletariado*, *não* *se* *transformou* *na* *do* *fascismo* *lavado*, *em* *fascismo* *de* *clarado*.

Se a *burguesia* *espanhola* *derrubou* *a* *monarquia*, não foi para a substituir por um regime democrático, mas para garantir os interesses e manter os privilégios dos grandes capitalistas e dos grandes proprietários rurais, sob

a defeza dos quadros do regime deposto. E viu-se agora que a defeza dos seus coíres, ela não fica atrás, nem em bestialidade, nem em tirania, nem em crueldade, do mais bárbaro fascismo.

Esta é a ligação dos factos, dum evidência irrefutável! Mas, vejamos rapidamente, porque é que o Capitalismo e hoje incompatível com a *democracia*, porque é que a *burguesia*, que foi no seu início, e durante a curva ascendente das suas histórias uma classe revolucionária, se transformou em classe conservadora e é, agora, na crise geral do seu regime, profundamente reaccionária.

A *democracia* *burguesa* e a *minim* *de* *liberdades* *que* *ela* *representa* *veriam*, *no* *plano* *político*, a *expressão* *do* *liberalismo* *economico*. Quando *através* *das* *complicadas* *mudanças* *que* *se* *produziram* *na* *base* *economico*, o *capitalismo* *encontrou* *na* *sua* *atual* *derradeira* *fase* — *o* *fascismo* — *todas* *as* *velocidades* *da* *democracia* *tinham* *de* *ser* *lançadas*. A *livre* *concorrência*, *concor* *rencia* *entre* *os* *individuos*, foi *suplantada* *pela* *concorrência* *entre* *os* *gr* *ndes* *organismos* *do* *capital* *concentrado* — *trusts* *e* *cartéis* — *que*, *esmagando* *o* *productor* *isol* *o* *acum* *bareando* *os* *mercados* *internos* *de* *pro* *tecção* *paula* *e* *procuram* *a* *domi* *nação* *do* *mercado* *externo* *pelos* *seus* *gr* *ndes* *grupos* *monopolistas* *transformaram* *as* *lutas* *de* *individuos* *em* *lutas* *de* *potências*.

O Estado, que é sempre o instrumento da classe dominante, deixou de ser o Estado de toda a *burguesia* *para* *se* *converter*, *em* *cada* *país*, *no* *instrumento* *da* *plutocracia*, *que*, *se*, *há* *língua*, *quem*, *por* *seu* *intermédio* *governa*.

Então, para racionalizar a *extrac* *ção*, para *aumentar* *os* *lucros* *pela* *com* *pressão* *dos* *salários* *até* *um* *mínimo* *muito* *baixo* *do* *estritamente* *necessário* *para* *viver*, *para* *impedir* *os* *trabalhadores* *de* *formular* *em* *suas* *reivindicações*, *de* *destruir* *os* *seus* *organismos* *de* *defeza* — *os* *sindicatos*, *e* *para* *lhes* *arrancar* *uns* *ma* *os* *para* *uma* *linha* *de* *combate* — *a* *greve*, *a* *plutocracia* *finha* *de* *abolir* *todos* *os* *vestígios* *da* *democracia* — *mesmo* *da* *anémica* *democracia* *burguesa*. É *isto* *mesmo* *que* *Hilferding* *exprime* *quando* *afirma* *que* *o* *capital* *financeiro* *não* *quer* *liberdade*, *mas* *sim* *a* *dominação*.

Toda a pseudo ideologia fascista é uma consequência forçada dessa modificação da economia. A subordinação do indivíduo ao grupo étnico é o reflexo ideal da subordinação dos pequenos capitalistas isolados aos *gr* *ndes* *grupos* *monopolistas*.

O pequeno comércio, o pequeno industrial e o pequeno proprietário rural já não podem subsistir livres e autónomos. *As* *classes* *médias* *estão* *em* *um* *estado* *histórico*, *e* *vendo* *sobre* *postas* *a* *que* *a* *evolução* *economico* *arruinou*. O ritmo da sua proletarianização acelera-se, confundindo-se as geniais previsões de Karl Marx.

Produto do capitalismo individualista, essas classes querem persistir no individualismo económico. Quer dizer: aspiram por a regressão.

(Continua na 4.ª página)

## A edificação da sociedade socialista na URSS

### O Rotário ao serviço da Agricultura

Durante o ano corrente, a superfície semeada pela aviação aumentou consideravelmente, atingindo já a cifra de 100.000 hectares.

Os aviões, voando a pequenas altitudes, deixam cair por um crivo especial os cereais a semear sobre a terra devidamente preparada pelas estações de máquinas. Este processo tem-se revelado como sendo aquele, que mais resultados dá na grande cultura cerealífera, como é por exemplo a da U.R.S.S. Foi na URSS que esta forma teve início e é lá que mais se tem aperfeiçoado, pois que, sómente na União Soviética se encontram quintas com 6000 hect. res, e mais: e isto é devido ao terem-se tomado em regiões produtivas de trigo, as antigas *estepes*, que o *carisimo* *mantinha* *inaproveitadas*, ou simplesmente destinadas a coutadas de caça dos grandes proprietários.

Na região de Kuban as sementeiras feitas pela aviação tiveram o seu início em 1932. De então para cá este processo tem aumentado.

Este ano semeou-se 100.000 hectares, dos quais, 30.000 são na re-

gião das terras negras de Azóv e 16.000 na Ucrânia. Um comunicado do *Aeroflot* anuncia que começaram as sementeiras pelo mesmo processo na Ásia Central e na região das Terras Negras.

### Novos Sanatórios

Trabalha-se actualmente em Bórnio na finalização de um gigantesco conjunto de sanatórios, para o Comité Central dos Sindicatos. Estes sanatórios, que se encontram numa região largamente arborizada, onde predominam os pinheiros, serão dos mais importantes em toda a União Soviética. Uma parte dos edifícios em construção ficará pronta este verão. Pres temente i zemo-se experiências geológicas junto destas construções para a pesquisa de novas fontes da célebre água mineral de Bórnio.

A URSS ultrapassou a produção de trigo de todos os países do mundo em 1934. Actualmente produz 245.692 milhares de quintais de trigo!



## O FASCISMO E A «DEMOCRACIA» à luz do materialismo histórico

(Continuação da 3.ª página)

são económica e cultural; porque, na sua grande ignorância, atribuem todos os seus males a perversão intelectual ou moral dos dirigentes e das classes trabalhadoras, predispondo-se, assim, a aceitar as ideias mais retrógradas.

Todas as experiências, em todos os países, confirmam plenamente o axioma marxista da instabilidade da situação da pequena burguesia que foi sempre um apêndice, impotente ou inconsciente, docilmente manobrado pelos reis da finança. Tudo quanto se faz em nome das classes médias é feito ou alimentado pelos plutocratas, com o fim distorcido de que elas ajudem, em o seu peso morto, a enagorar o proletariado. Esse é um dos pontos, e o mais cuidadosamente tratado, da tática do fascismo.

Por sua vez os «democratas» burgueses também procuram aproveitar-se dessas classes para os seus fins reitoriais.

Uns e outros usam, sob formas diferentes, da mesma descerada demagogia. Uns e outros são prodígio em promessas; mas nem uns nem outros podem melhorar de qualquer forma a situação dessas classes de quem baseiam o apoio para que elas, ajudando-os inconscientemente a defender os interesses da plutocracia, lhes permitam manter, ainda por algum tempo, um regime que sossobra. Só o comunismo, pela abolição das classes, pode dar a todos os indivíduos as garantias necessárias de vida, integrando-os humanamente na comunidade.

Ve-se pois que, derrubada a primeira base económica da «democracia» burguesa se pode ter uma existência artificial e precária, e que, se exerceba, tem de se transformar em fascismo. Ora todas as contradições da época actual, agravadas pelas suas lutas de classe que não podem deixar de se tornar cada vez mais agudas até ao momento da luta final — que não vem longe.

Assim, contrapõe ao fascismo a democracia burguesa e o socialismo a sua própria sombra. E não o combate. E' errar um círculo vicioso. No ponto actual da evolução histórica já não há lugar para as falsas soluções intermedias. Os tempos estão extremados: e os factos que — dizem — são técnicos, põem por si próprios o problema como deve ter: fascismo ou comunismo.

A resposta é certa. O Proletariado está do pe!

## O que eu vi?

Trascrevo os depoimentos dum soldado espanhol que nas hostes contra-revolucionárias de Ochoa, batalha contra os minchos asturianos durante a revolução de Outubro e que foi publicado no jornal «Frente Rojo» de 24 de Fevereiro:

«Eu afirmo que o capitão e o tenente-coronel pagavam dez pesetas por cada braço dum revolucionário; que o tenente-coronel da 5.ª bandeira mandava coser a boca aos revolucionários que enjam em seu poder e os enterrava vivos; que os chefes ofereciam a gasolina para os queimá-los; que vários indivíduos da

(Continua na 6.ª página)

# A vida dos operários

O Sindicato Nacional é uma farsa!  
PENICHE

Devido às «excelências» do regime corporativo, e às suas leis fascistas de protecção à grande indústria e patronato, de que é um frísante exemplo a lei do «desfeso» na indústria de conservas, as classes trabalhadoras desta localidade encontram-se na maior miséria, devido à exploração desenfreada de que estão sendo vítimas.

Por várias vezes os «senhores» do salazarismo tentaram aqui organizar o Sindicato Nacional, sem que o conseguissem. E hoje, se o conseguiram, isso se deve à situação desesperante do proletariado local que, ante a fome e a miséria que lhe dá para dia se acentuava, se deixou arrastar pelas promessas illusórias dos serventurários locais do salazarismo.

Esse limitado numero de camaradas (uma escassa centena) que ingressou no Sindicato Nacional, na esperança de por intermédio dele conquistarem as regalias a que tem direito, breve se convencerão que mais uma vez foram ludibriados pelos «senhores» do salazarismo!

E essa a missão dos Teotónio Montez & Cª, que de terra em terra andam apregoando o Estado Novo e o fascismo.

Quando esses «senhores» nos diziam que somente as nossas reclamações seriam atendidas, quando feitos pelo Sindicato Nacional nada mais queriam do que os reitor do proletariado de Peniche ao cargo do capitalismo.

As «promessas» do administrador do concelho e mais chefes fascistas, ante da formação do sindicato, que realidades correm ainda hoje, depois da sua formação?

Cons. ganhar receber as horas suplementares? Não!!

Receber-se o caso do emprego das mulheres como soldadinhos? Não!!

Aumentar-se o salário? Não, pois que continuamos recebendo o salário de miséria de 9500!

Conseguiram os soldados receber o salário de 20500, como lhe fora prometido? Não, visto continuarmos recebendo os 9500!

Deram mais do que tres dias de trabalho a cada operário? Não! Estas são as tristes realidades, e a prova cabal de que o sindicato de bom nos trará, e que devemos esperar a continuação do actual estado de coisas.

Isto é: fome e miséria! Mas, já que os salazaristas nos apresentaram o Sindicato Nacional como única forma para a realização das nossas reivindicações, vamos agora, após a sua constituição, exigir, por intermédio dele, a satisfação das nossas reivindicações! E então veremos quem serve o sindicato: se o proletariado conservador de Peniche, satisfazendo as suas regalias; se o patronato explorador, mantendo o actual estado de coisas!

Para que um jornal seja efectivamente de massas necessita de ter pelo menos 500 correspondentes de fábrica.

Lenine

Trabalhos forçados nas oficinas da C.P.  
LISBOA

A situação criada no operariado da C.P. pela administração da Companhia vem-se agravando de dia para dia. Para que os dirigentes da Companhia, altos magnatas do capitalismo, possam auferir, no fim do ano, grossos ordenados e chorudos dividendos, necessário se torna que o operariado que nela trabalha seja explorado até à medula.

E para isso o pessoal das oficinas está dividido em categorias, ganhando os oficiais da 6.ª 13520 e os da 1.ª 21600. Isto significa que a maior parte do pessoal das oficinas não chega a ganhar 15000 diários: um salário de fome!

E se nos lembrarmos que o trabalho é por tarefa, e por peça, e que se a tarefa não for realizada dentro do tempo estabelecido, que os salários oferecem descontos que vão até meio dia ou um dia de trabalho, no caso de repetição. (Que por esse facto se pode ser suspenso, o que, praticamente, equivale a um despedimento).

Nas Oficinas Gerais o ambiente é ainda por visto que os camaradas têm mais do que 3 minutos para ir à retrete! Se tiverem mais demora, descontam-lhes meio dia. Se um camarada é apunhalado a fumar um cigarro, ou fora da sua bandeja, é castigado com meio dia de trabalho sem salário.

Além disso a Caixa de Reforma tira-nos quatro dias de trabalho por mês. E para que, se alguém se puder abater a reforma aos 60 anos, e depois 30 anos na Companhia?

E ainda é preciso que os médicos declarem que o camarada está incapaz de continuar trabalhando... Como veem, camaradas, a nossa situação de operários da C.P. tem muito semelhante à dos negros nas roças africanas!

Esta situação tem-nos sido creada devido, sobretudo, à debilidade do nosso trabalho sindical e às deficiências do nosso trabalho partidário.

Se soubéramos criar um Sindicato Unitário forte e um vasto Comité de Oficina, teríamos creadas as condições necessárias para o triunfo das nossas reivindicações!

São todos assim...

MAFRA

O presidente da câmara municipal desta vila, homem «dedicado» ao salazarismo e, com o tal, feroz perseguidor do operariado, castigou arbitrariamente 3 camaradas da central electrica porque estes, devido à falta de energia electrica, não a esta localidade é fornecida pelas C.R.G.E., e interpretando o contracto e ordens da câmara, haviam feito funcionar a central da vila, sem esperarem a respectiva autorização. Este acto, foi interpretado pelo Sr. Dr. Mascarenhas como um gesto «altamente» revolucionario, e, como tal, foram castigados arbitrariamente com 4 dias de suspensão de vencimentos estes tres camaradas, incluindo o que nesse dia estava de folga e que de caso não tivera conhecimento!

Esta atitude «heroica» do administrador mostra bem de que se compoem os servidores de Salazar.

## O Anarquismo ao serviço do capitalismo

(Continuação da 3.ª página)

«Emetendo isso» aos sindicatos de trabalhadores rurais, sem ter tido o menor dano nos abutres do sangue camponeses pobres e trabalhadores.

Isto é a azil lucrativo do reformismo acanhado de toda a conjuntura anarquista.

Seguidamente, a mesma fofa diz que o «critério da distribuição dependendo daquele Programa (no nosso programa); encontra-se em todos os programas da democracia burguesa, do revirralho».

Ora aqui se põe a clara a natureza do negócio concertado entre os sacerdotes do anarquismo e os sacerdotes do revirralho.

A nossa reivindicação fundamental sobre a questão da terra, cala profundamente no sentir e no desejo de combate dos escravizados da terra.

E isto age como teatidade, muito mais potente que todos os possíveis e imagináveis devaneios, ainda que sejam dum combate carregado de sacerdotes daquelas duas sinagogas.

Então os chefes anarquistas descobriam uma fórmula para ligar os explorados à burguesia.

Gritam aos camponeses: — Isso?! — Pois para isso não é preciso entrar em rixa contenda. Isso está no programa do revirralho.

Praticamente. Os chefes anarquistas aconselham aos explorados que se mantenham em expectativa e que depositem toda a fé nos chefes burgueses do revirralho, porque o revirralho, a dar-lhes credito, dar-lhes a, tanto, quanto consta do Programa do Governo Operário e Camponês...

Isa se viu maior embuste? Oh reacção repugnante! Oh reacção mascarada!

A terra para os que trabalham significa expropriação dos grandes lavradores e liquidação desta classe. Uma tal reivindicação só a podem materializar as massas camponesas postas em pé de guerra e guiadas pelo P. Comunista.

Os chefes anarquistas que entram em compromissos com os políticos do revirralho, para paralisarem a revolução, já não encontram outro modo de desarmar os camponeses que não seja o de pregarem-lhe

Não vos apouqueis com a luta, porque o revirralho dos políticos dar-vos-a a terra...

Continuaremos.

## Amigos do «Avante!»

Com tantas vezes aqui tem sido dito, o nosso jornal para poder manter-se necessita do auxilio de todos os camaradas.

Esse auxilio deverá ser-lhe dado sobretudo, pela regularidade de pagamento e difusão do maior numero possível de exemplares.

Alguns camaradas organizaram-se em grupos de amigos do «Avante!», e cada mensale uma importância determinada, por cada numero que sui. Temos a assinalar a existencia dum grupo de simpatizantes que, sob as iniciais de G.R.B.C. nos entrega regularmente 700 por cada numero publicado.

E' dever de todos os verdadeiros militantes do nosso Partido, procurarem organizar grupos de amigos do «Avante!»



# Processo da Internacional Comunista

## Partido Comunista Português - (S.P.I.C.)

massas para as acções concretas (manifestações de rua contra a crise agrícola, contra os impostos, etc.).

No país pululam as cooperativas, as sociedades de recreio e desportivas e renascem as comissões independentes de fabricas, etc. Por detrás de um Partido que se liga às massas, a base de toda esta série de organismos, colectivo de cada um dos seus membros na situação de realizar uma tarefa concreta nestes imenso campo das organizações legais, semi-legais e ilegais de massas. Na medida da nossa perspetiva e da do nosso entusiasmo bolchevique, a base dos Sindicatos Vermelhos, do S.V.L., da frente anti-fascista, etc. deve ser mobilizada igualmente, para este trabalho legal e semi-legal de movimentação de massas.

### IV

Outro ponto a discutir é o da luta pela mobilização das massas para as acções concretas. A tendência «organizar, mas esperar que a liberdade venha» precisa de ser completamente rechaçada. O fascismo difícil, mas não pode impedir como a realidade já o vem demonstrando, a prática das acções de massas. É justamente porque para levar a efeito uma acção concreta é necessário uma actividade muito mais cheia de ardor e de coragem, as acções de massas que vêm a ter lugar, ainda que minúsculas, por vezes, comilhões no início da sua eclosão um significado político acrescidíssimo. A nossa discussão a este respeito deve caracterizar-se pela luta contra a tendência: «ou todos ou nenhuns». Na Sociedade de Construção Navais, por exemplo, na semana de 26/2 Fevereiro Março, o pessoal dum dos navios ali em fabrico, levantou-se para reclamar pelas suas reivindicações. Os nossos camaradas não souberam encaminhar logo esses operários (120) para a direcção da Empresa. E isto aconteceu, porque, não tendo conseguido um levantamento geral (ao que se opuseram os militantes anarquistas da empresa), acharam que *tudo havia falhado*. Esta tendência é derrotista. A decisão do arranque daqueles operários permitia terde logo, ou poucos momentos após a generalização do movimento. Outra tendência que entre nós anda, se manifesta é a de ocultar a *causa* e a *actuação* do Partido. São vários os que dizem que quando amadurecem as condições duma acção

concreta numa fabrica, por exemplo, se o Partido faz sair dum manifesto ou folha volante, dificulta ou impede que a acção venha a ter lugar, porque nesse caso os reclamantes serão logo acusados de comunistas. Ora tudo consiste em observar: 1.º que os nossos próprios camaradas sempre ni apreciação da situação reidos trabalhadores; 2.º que quando a policia e o Governo respondem com a prisão de vários dos seus elementos e com a acusação de que a acção é fomentada pelos comunistas, quando as massas se viram obrigadas a entrar na acção porque a vida lhes é insuportável, a policia e o Governo não demonstram senão que não passam duma simples agência do capitalismo e dos patrões e então põe-se a claro com mais força que só o Partido Comunista defende os trabalhadores e os guia pelo único caminho que pode leva-los a salvação. A questão do prosseguimento da luta em pleno ambiente da repressão policial e do terror branco é um outro caso a discutir. Várias são as acções em que nós ficamos a mere por via da prisão de alguns dos nossos elementos que na preparação e direcção delas vinham tomando uma parte activa. Noutros casos, a simples prisão dum e munto ou militante revolucionário, provoca, de logo, uma enorme indignação entre as massas em pontos determinados. É e raro que tenhamos aproveitado essa indignação para levarmos essas massas à prática de manifestações concretas: a actualização da luta pelas reivindicações antes orientadas formuladas (se essa era o caso), em ligação com a luta pela libertação desse camarada ou camaradas. Em vários casos, as massas, crescem na luta contra os bandos da policia, que vão prisioneiros militantes e na passar buscas as fabricas, em plena hora de laboração. É e raro ver que os nossos e nossas camaradas organizem ali o levantamento de massas, destinado a impedir na base e a arrancar os militantes das mãos da policia. Por fim, entre nós existe o hábito de não ligarmos importância às acções minúsculas. Em vários pontos, as massas sem terido luta mais pelas palavras de ordem do Partido (militares de protestos pela amnistia, apadrinhamento dos presos, pela liberdade de imprensa, etc.) que do trabalho dos nossos elementos, por organizarem a luta por essas palavras de ordem. Isto é falso, em grande parte, da tendência que ainda se manifesta nos nossos quadros, que só acha digno do nome revolucionário o trabalho conduzido nas proporções já da insurreição armada. Ora, o processo de descredito do fascismo e de aceleração da crise revolucionária e da luta e provocação de greves, mesmo pequenas, mas frequentes, sucede-lhe do rapidamente e de manifestações violentas em diversos sítios («Da estabilização abalada, no segundo ciclo de revoluções e guerras»).

A ideia do assalto amadurece nas massas. As acções e os levantamentos de massas sucedem-se com frequência e alargam-se dia a dia. A crise geral agrava-se e desmantela o fascismo. O avanço sindicalismo e o reviramento, estão a brincar com a crise insuperável. O nosso Partido é já o lema das grandes massas. Desta constatação real resulta o encargo de discutirmos a questão do VII Congresso do I.C. colocando em evidência toda a mentalidade falsamente bolchevista que nos impede de assimilar esta noção: «tudo depende de nós!».

### V

A questão da guerra é um outro ponto que deve ser discutido largamente em ligação com a preparação do VII Congresso. O rearmamento oficial da Alemanha, o conflito Italo-Etiopie, etc., aproximam muito mais o perigo de guerra imperialista. Os capitalistas portugueses e o governo Carmona-Salazar, transformaram a politica de guerra em politica dominante. Porém, toda a preparação da guerra, do lado português, segue ligada a contradições que se aprofundam dia a dia. A ideia anti-guerreira recebe um largo cul-

tivo da parte das massas populares. A semana 25/1 Fevereiro-Março revelou, por outro lado, que a combatividade proletária e camponesa se eleva. As próprias forças do fascismo hesitam na questão da guerra. A preparação da guerra segue ligada, doutro lado, ao dilema do «mudar sacrificios».

A guerra imperialista e contra-revolucionária é a guerra de trucidação e de deslocação inaudita das massas populares. Os elementos de impedimento da comparticipação de Portugal na guerra encontram-se já bastante engrossados.

«Diante de nós encontra-se, igualmente, uma outra perspectiva, a perspectiva da guerra: mas da guerra sairá inevitavelmente a revolução, e, na situação actual, a transformação da guerra em revolução, operará-se a mais rapidamente, do que por ocasião do primeiro ciclo de guerras e revoluções («Da estabilização abalada, no segundo ciclo de revoluções e guerras»).

A nossa discussão a respeito da questão da guerra deve incidir sobre a constatação do nosso retardo na luta pela mobilização das massas à ideia anti-guerreira e pela organização de comités de luta contra a guerra. A luta pela realização de protestos de massas contra os armamentos militares e contra os armamentos do Estado fascista e pela atracção das massas aos protestos contra as provocações da URSS e de colonização ao centro da preparação do VII Congresso. A luta contra a guerra só poderá ser conduzida eficientemente por meio da conquista largada das mulheres e da juventude. A questão que se coloca é a de liquidarmos todos os nossos provincialismos no aspecto do trabalho feminino e da mobilização do Partido para o auxílio à Juventude Comunista, e, vistas do seu desenvolvimento e do ensaio de formas concretas da conquista da juventude trabalhadora.

### VI

O nosso Partido deve ser completamente mobilizado para a luta pela realização de acções comuns das massas exploradas contra a ofensiva patronal e contra a disciplina fascista nas empresas, pelos salários dos trabalhadores, pela defesa da jornada de 8 horas para todos os trabalhadores, contra o desemprego, pelas reivindicações camponesas, pela amnistia, pela liberdade sindical, pela liberdade de imprensa e de reunião, contra a militarização e contra a guerra, pela defesa da União Soviética.

O VII Congresso do I.C. vai ter lugar numa época de extraordinária tensão politica internacional. Ele indicará aos trabalhadores de todo o mundo capitalista, as vias e os métodos que os hão de conduzir à sua emancipação.

O anelo dirigido pela Internacional Comunista à II Internacional respeitante à frente única e à realização de acções comuns contra o fascismo, a ajuda ao heroico proletariado e aos camponeses espanhóis, o assenso do movimento revolucionário em todos os países capitalistas, os sucessos da frente única em França, as lutas armadas de Viena e a insurreição Asturiana, os nossos próprios progressos, nos domínios da organização, do alargamento da influência e do trabalho persiste no Partido, as vitórias do exercito vermelho chinês, o triunfo do marxismo-leninista, de resto já transformado em realidade numa sexta parte do mundo — na URSS — tais são os elementos essenciais que vaticinam que o proletariado mundial vencerá, guiado pela bandeira da Internacional Comunista.

Nos saudamos o proletariado russo construtor indefectível do caminho da emancipação de toda a humanidade trabalhadora e inclinamos a bandeira do nosso Partido ante Staline, o grande timoneiro da construção Socialista, o continuador do leninismo, o maior chefe do proletariado mundial, depois de Lenine.

O Secretariado do P.C.P. (S.P.I.C.)

## Os anti-fascistas encarcerados!

A organização sindical revolucionária cresce no Arsenal da Marinha. O Director Político dos engenheiros passaram a fazer de Policia de Informações. Declararam que haviam de acabar com os comunistas no Arsenal e começaram a prender a torto e a direito. A nossa organização courageira-se. São incapazes de entrar com ela. Prendem ao calhar, torturam barbaramente, operários, de que não têm a certeza se estão ou não na organização, apenas porque foram apontados por suspeita, no objectivo de lhes arrancarem a denuncia dos elementos filiados na célula e no sindicato.

Alvaro Duque Ponsêda destacado militante do nosso Partido há já mais de um mês que se encontra incomunicável. A Policia de Informações pertence estiolado na incomunicabilidade, para que ele denuncie, naturalmente o C.C.P. do Partido, a tipografia «AVANTE!» e etc.

Desgraçados de dugos da classe operária!

Trabalhadores! Alargai o movimento de luta pelo «militarismo dos presos anti-fascistas»!

Reclama a libertação dos vossos camaradas de classe e de raça, hoje!

Abaixo o terror Salazarista!



